

**Ministério da Cultura, Governo do Estado de São Paulo por
meio da Secretaria de Estado da Cultura, Economia e Indústria
Criativas e Banco do Brasil apresentam o espetáculo**

de IVAN VIRIPAEV

A LINHA SOLAR

Banco do Brasil apresenta o espetáculo **A LINHA SOLAR**, obra do dramaturgo russo contemporâneo Ivan Viripaev, que aborda a dificuldade de comunicação na sociedade, em sua primeira montagem no Brasil.

Idealizada por Carol Gonzalez, que divide o palco com Chico Carvalho sob direção de Marcelo Lazzaratto, a peça apresenta um texto denso, provocativo e permeado de humor que retrata o individualismo e a busca pelo amor num mergulho na complexidade humana. A montagem busca dar voz a questões existenciais e traz a comunicação como tema central, tendo a crise do casal como um paralelo à divisão entre as pessoas.

Ao receber este projeto, o Centro Cultural Banco do Brasil oferece ao público a oportunidade de conhecer a primeira adaptação brasileira da obra, reafirma o seu compromisso com o teatro nacional e estimula o pensamento crítico sobre temas relevantes para a sociedade, fortalecendo a conexão dos brasileiros com a cultura.

Centro Cultural Banco do Brasil

A LINHA SOLAR

Em cena um casal em crise depois de 7 anos de casamento. À primeira vista, pode parecer que se trata de mais uma peça sobre casais entre milhões no repertório teatral mundial. Porém, Viripaev começa a peça com uma falsa pista, para abrir outros horizontes na medida em que a peça progride. Ele vai nos surpreendendo cada vez mais enquanto a peça caminha para o seu fim.

Começa a se desvendar, diante de nós, toda uma série de questões mais profundas em relação a nós mesmos e ao mundo no qual vivemos. Somos sempre surpreendidos por ele. As personagens – ou essas “vozes” em forma de personagens – vão escancarando toda a sua violência, seus desejos, afetos e frustrações. Não são nem vítimas nem algozes, chegando algumas vezes às raíais do absurdo e do politicamente incorreto.

São provocações, uma espécie de choque que nos desafia a sair da letargia reflexiva atual, em que infelizmente nos deparamos com um mundo dividido em dois. Como pergunta Barbara:

“De repente eu entendi, todas as coisas são assim. Duas metades. Uma eu estou pronta a me fundir e a outra é de maneira nenhuma, mas de maneira nenhuma compatível comigo. Como eu faço?”

E o melhor: não precisamos concordar com o que cada uma das personagens diz, pois assistimos a uma espécie de purgação do inconsciente coletivo atual. O resultado, algumas vezes, desses choques se manifesta em forma de riso – apesar de quem ri. Um riso que vem da nossa identificação com o patético de nossa existência e

das nossas relações conosco mesmos e com os outros, chegando-se, assim, ao coração do teatro de Viripaev: o problema da comunicação.

Quem diz comunicação pensa em diálogo. Porém, é pela própria construção dos diálogos que vemos todo o contexto da falta de comunicação. Através da forma como as personagens se comunicam, assistimos a como o afeto, o íntimo, pode nos contar sobre o estado atual do mundo. As personagens parecem estar dialogando, mas não estão se ouvindo ou se respondendo realmente.

A cozinha se torna o mundo. Um mundo dividido por guerras, muros, ódios e problemas de comunicação. Assim, o potencial de A Linha Solar se realiza através da exposição e do questionamento da própria teatralidade, escancarando a enfermidade do meio teatral em enunciar uma verdade sobre a mulher, o homem e o mundo.

Para isso contribui o jogo de interpretação proposto pelo autor. Viripaev dá vida às personagens sem deixar de mostrar o ator, em um hibridismo entre a performance, o épico e a interpretação realista teatral. Em cena, através de uma escrita que cria ações de grande intensidade dramática, resultando em situações cômicas – fruto do contraste entre opostos, a violência e o humor –, revela-se algo próprio do seu teatro e do mundo atual, onde tudo é igual a tudo, onde tudo tem o mesmo “peso”: o dramático e o cômico se confundem.

Carol Gonzalez

Idealizadora e Diretora de Produção

Sobre o autor

Ivan Aleksandrovich Viripaev é um renomado dramaturgo, roteirista e diretor de cinema e teatro. De origem russa e radicado na Polônia, é uma das figuras centrais do movimento teatral russo New Drama. Atualmente, preside a fundação polonesa WEDA PROJECT e é diretor artístico da Teal House, em Varsóvia, espaço voltado ao desenvolvimento artístico e cultural.

Com um percurso consolidado internacionalmente, acumula distinções e premiações em festivais de renome como Veneza, Roma e Varsóvia. Sua excelência na escrita também foi consagrada pelo concurso de dramaturgia contemporânea Stuckemarkt. No cinema, destacou-se com o filme *Euforia*, vencedor do "Leão de Ouro" no Festival de Veneza.

Com obras encenadas em mais de 250 países ao redor do mundo, Viripaev consolidou-se, em 2019, como um dos dez dramaturgos mais influentes da atualidade. Em 2010 teve um de seus textos encenados pela primeira vez no Brasil, *Oxigenio*, sob a direção de Marcio Abreu.

Residente na Polônia desde 2014 ao lado da atriz Karolina Gruszka, o artista mantém uma postura pública e intransigente contra a invasão russa na Ucrânia. Após decidir converter os royalties de suas peças na Rússia em doações para o país invadido, teve sua obra banida pelo governo russo. Em decorrência de suas denúncias contra a guerra, foi condenado à revelia pela justiça russa a oito anos de prisão, sob a acusação de "espalhar informações falsas sobre o exército".

"Quando a peça acontece por si, quando os atores deixam a peça acontecer. Eles não atuam na peça, eles são a peça. Eles não a encarnam, mas se deixam atravessar por ela, eles a dão voz. E isso só é se o ator permanecer ele mesmo."

IVAN VIRIPAEV





Ringue da Incomunicabilidade

Quando, no início de 2020, Carol Gonzalez me convidou para dirigir esse espetáculo e me enviou o texto, lembro-me de que gostei dele de imediato, pois me fazia rir. Percebi que, por trás do cunho aparentemente dramático, o autor utilizava o paroxismo para alcançar a comicidade com muita habilidade.

A LINHA SOLAR, de Ivan Viripaeu, apresenta-nos um mergulho visceral na complexidade das relações humanas, onde a palavra pode ser ponte e abismo. Através de Bárbara e Werner, somos confrontados com a intimidade de um casal que se vê preso em uma discussão que se estende madrugada adentro. O texto apresenta a “linha solar”, uma barreira invisível e intransponível que divide o “eu” do “eu do outro”, revelando como a busca por uma suposta harmonia pode se tornar um exaustivo exercício de espelhamento, do e incompreensão. Mas, acreditem, trata-se de uma comédia – uma comédia da debilidade humana –, onde o riso nasce da nossa incapacidade patética de nos fazermos entender, mesmo a quem mais amamos.

Para a encenação, optamos por um espaço minimalista e não realista, que funciona como uma espécie de ringue onde os personagens se debatem e se digladiam. Acreditamos na força do texto e na qualidade expressiva dos atores ao exprimirem o seu jogo de palavras. Essa opção permitiu que a marcação cênica fosse elaborada em vetores e linhas paralelas, reforçando o isolamento dos protagonistas,

que literalmente deslizam por suas convicções. Werner e Bárbara movem-se em trajetórias que nunca se cruzam verdadeiramente, simbolizando um paralelismo existencial em que a tentativa de encontro apenas enfatiza a distância que os separa.

Enquanto o casal permanece preso em sua eterna disputa, ao fundo, um painel insinua a passagem do tempo, sugerindo que a vida lá fora segue seu curso. Para eles, o relógio na parede marca cinco horas da manhã de forma perene; para o espectador, a realidade continua a se transformar, alheia aos labirintos mentais e aos impasses do casal.

Este espetáculo é fruto de parcerias que tornaram possível esta estreia no CCBB. Agradeço imensamente o convite de Carol Gonzalez, idealizadora do projeto, que estabelece em cena um jogo brilhante com Chico Carvalho, atriz e ator magníficos! Estendo minha gratidão à companheira de Cia. Elevador e, aqui, assistente de direção, Marina Vieira; à poeta da visualidade, parceira constante, Simone Mina; e ao novo parceiro das notas musicais, Eddu Ferreira: suas maestrias engrandecem o projeto. Por fim, feliz por reencontrar o querido Pedro de Freitas, capitaneando a produção – juntos, agradecemos à equipe do CCBB por nos receber tão bem nesta jornada regida pela solaridade dos bons encontros.

Marcelo Lazzaratto

Diretor Geral

Entre a palavra e o abismo: traduzindo A LINHA SOLAR

Traduzir **A LINHA SOLAR**, de Ivan Viripáiev, foi atravessar um território de tensão e delicadeza. Um dos dramaturgos mais reconhecidos e premiados da atualidade, Viripáiev nasceu na Rússia e escreve em russo. Desde 2022, porém, quando se manifestou publicamente contra a invasão da Ucrânia, suas peças foram proibidas em seu país. Sua vida – como a de tantos outros – passou, então, a ser cortada por uma linha sombria: a linha da guerra, da ruptura, do conflito.

Em **A LINHA SOLAR**, essa linha também atravessa a intimidade. Inscrita na tradição do teatro do absurdo, a peça é um duelo de palavras, um vertiginoso jogo verbal, onde o amor, o ressentimento e o mal-entendido se entrelaçam. Depois de sete anos de casamento, um homem e uma mulher se encontram diante de algo aparentemente simples – e, ao mesmo tempo, intransponível: a impossibilidade de se compreenderem.

Entre acusações, tentativas de explicação, ironia e desespero, o diálogo avança como uma dança tensa à beira do abismo. As palavras se multiplicam, mas já não alcançam o outro. E, no espaço entre uma frase e outra – nesse intervalo frágil onde o sentido se perde –, surge a verdadeira linha da peça, que separa dois seres que se amam e, ainda assim, já não conseguem se ouvir.

O próprio autor fala da sua peça:

Eu queria mostrar o mecanismo que as pessoas não consigam estabelecer contato, o que as impede. A peça mostra cinco ou seis desses mecanismos: desde os mais banais – quando não nos ouvimos e interrompemos uns aos outros – até os mais extremos – quando percebemos a realidade de maneiras diferentes: quando um diz: "Acabei de pedir desculpas a você" – “O que você acabou de fazer? Foi isso que você fez?!”.

Ao contrário dessa incompreensão trágica e absoluta, a convivência entre os dois tradutores se dá em paz e harmonia. Traduzir a quatro mãos é somar habilidades – e negociar diferenças.

Nossa amizade de mais de três décadas, aliada ao prazer de trabalhar juntos, faz dessas parcerias também uma oportunidade de nos encontrarmos com mais frequência, numa cidade e num tempo em que a convivência constante com os amigos muitas vezes só se sustenta por meio do trabalho compartilhado.

Agora, enfrentamos esse dinamismo que é Ivan Viripáiev, força viva e palavra em combustão, ao mesmo tempo impetuosa e lírica. Nele, encontramos a confirmação de quão próximas podem ser as culturas russa e brasileira.

Como disse Mario Faustino: **"Tanta violência, mas tanta ternura."**

Elena Vássina e Aimar Labaki
Tradutores de **A LINHA SOLAR**



A primeira vez que tive contato com um dos textos de Ivan Viripaev foi em 2018. Me encantei pela sua escrita, pela sua tradução inteligente da realidade e atualidade, seja através dos temas, mas principalmente pela forma como sua escrita teatral traduz o mundo atual. Uma escrita que fala de afetos e fala do social sem ser piegas ou didática.

Quando li **A LINHA SOLAR** em 2020, pensei imediatamente no Marcelo Lazzaratto. Seja pelo desejo que já tínhamos de trabalharmos juntos, mas também pelo espaço e importância que o Marcelo dá ao trabalho do ator, fator que vai ao encontro do texto de Viripaev. Sem falar no seu talento e na sua capacidade ímpar de agregar toda uma equipe.

O processo de ensaio foi muito desafiante e com muito espaço para usar a minha criatividade sem ser “podada”. É um grande prazer poder interpretar um texto de Viripaev e um grande prazer poder interpretá-lo com esse parceiro generoso e ator excepcional que é Chico Carvalho.

Prazer em trabalhar pela primeira vez com essa maga dos cenários e figurinos, Simone Mina, e com a sua equipe atenciosa, Graziella Cavalcanti e Vinicius Cardoso. Por ter a honra de dizer um texto traduzido pela Elena Vassina, assistida por ninguém menos que Aimar Labaki. Ser conduzida pelos ritmos e musicalidades de Eddu Ferreira. Contar com a assistência de direção inteligente e paciente de Marina Vieira.

Sem deixar de falar do companheirismo e carisma de Pedro de Freitas, que conduz comigo a produção do espetáculo desde o final do ano passado, ao lado da dedicada e querida Laís Marques.

Para chegarmos nesse espetáculo, foram 6 anos de trabalho. Tentei vários editais desde lá e outras formas de patrocínio; no meio de tudo isso, uma pandemia, e finalmente o projeto foi contemplado com o ProAC PNAB, nos permitindo realizar esta obra. Sem contar com o apoio essencial do Centro Cultural Banco do Brasil, que nos acolhe com uma estrutura de primeira para as apresentações, além de acolher todas as ações formativas do projeto.

Agradecimentos ao PROAC, à Lei Aldir Blanc e ao CCBB! Vivas, e que continuem por muito tempo com suas políticas públicas de incentivo à cultura!

Carol Gonzalez

Atriz





O tempo é um elemento pouco confiável quando o assunto é tentar localizar o que se passa na cabeça de um autor de teatro. Se é verdade que uma dramaturgia é inevitavelmente o testemunho de uma determinada época, igualmente verdadeiro é prestar atenção naquilo que um texto feito para o palco tem de premonitório. Talvez o território da cena seja mais próximo da crônica descompromissada — daquele exercício de enxergar o horizonte numa pequena e imprestável partícula de nada — do que do jornalismo puro, que precisa se ater objetivamente aos fatos para abrir uma janela ao mundo.

Quando Ivan Viripaiev escreveu “A Linha Solar”, em 2015, a Rússia, seu país natal, ainda não havia invadido a Ucrânia, o genocídio em Gaza não estava em curso, o Irã — sob pretexto de ‘salvar’ a civilização dos perigos do terrorismo [SIC] — ainda não estava sob ataque dos reais terroristas vestidos de salvadores do globo e, evidentemente, únicos interessados em capitalizar com as mortes que promoviam e promovem em escala industrial.

E aqui está a beleza da arte, que é elevada ainda mais nesse contexto de escombros pornográficos: quando as cortinas se abrirem, quando as luzes dos refletores apontarem para a arena em forma de quadrado, notem que o teatro, para continuar sendo esse canto de respiro e reflexão, não empreende tentativas de copiar a vida. Aquilo que estará acontecendo diante de vocês não será apenas aquilo que de fato acontece diante dos olhos e ouvidos de vocês, afinal, temos a responsabilidade de ser apenas a ponta do iceberg e trabalhar no campo da superfície para tornar o invisível visível, esse é o real desafio.

Werner e Bárbara formam o gelo concreto dessa paisagem vulcânica, eles se engalfinham em uma verdadeira batalha onde o barato é um subjugar o outro lançando mão de estratégias inúmeras: vitimização, violência, sarcasmo, zombaria, hipocrisias deslavadas, ataque puro e simples, apelo ao cansaço, chantagens e outras artilharias que só a vaidade humana pode atualizar.

Pois não são exatamente esses os ingredientes que são jogados no grande caldeirão geopolítico pelos líderes das nações e que fazem máquinas

exterminarem o outro ao mesmo tempo em que exigem que o inimigo — sempre o outro é o inimigo numa guerra — atravesse fronteiras e se ajoelhe diante do mais forte, daquele que teoricamente [SIC]² tem a razão dos argumentos?

E Viripaiev equaliza esses acordes de forma tão habilidosa que a agressão deslavada vai se transformando, aos poucos, em absurdo, e o absurdo em ridículo, até chegar à comédia. Ao final e ao cabo, rimos da pretensão de sermos sérios, seríssimos, plenamente engajados em sobreviver como protagonistas dentro dessa trama de tortas arremessadas no focinho um do outro.

Mas isso já é sublinhar demais aquilo que é tarefa de vocês, espectadores, porque o teatro — o bom teatro, ao menos — será sempre esse encontro ainda em aberto, onde todos devem participar, palco e plateia, para chegar a algum lugar de interesse comum (a democracia, prática cívica, social e pública, não é exatamente isso?). Antes de terminar e soar o terceiro sinal, só digo que tenho a sorte de contracenar com o talento de Carolina Gonzalez sob a batuta precisa, inteligente e infinitamente generosa de Marcelo Lazzaratto, e assim arriscar subir ao palco na incerteza de um percurso que está por ser trilhado — nunca pronto —, noite após noite.

Nós também, que estamos diante de vocês para realizar esse tipo de trabalho, temos que desenvolver um certo desespero de assumir que não somos o que aparentamos ser, que a alegria de reproduzir simbolicamente uma guerra de gabinete pressupõe declarar desde o início que não somos, de fato, aquele casal patético e profundamente humano que fingimos encarnar, que nós brincamos de vestir e desvestir aquelas máscaras para benefício justamente de almejar raspar a potência maior da poesia: a metáfora que faz de um simples duo de dois instrumentos soar como uma sinfonia de orquestra estranhamente próxima ao barulho ensurdecido do mundo real.

Muito obrigado pela presença e tenham todos um ótimo [e arriscado!] espetáculo.

Chico Carvalho
Ator

Direção de Arte, Cenografia e Figurinos

A cenografia do espetáculo **ALINHA SOLAR**, de Ivan Viripaev, propõe uma abordagem fundamentada na síntese, na sugestão e na construção de um espaço imaterial. Ao invés de recorrer à materialidade tradicional, a encenação aposta na redução dos elementos visuais para ativar a imaginação do espectador como parte constitutiva da cena. Nesse sentido, as paredes do espaço íntimo não se apresentam como estruturas concretas, mas surgem a partir da incidência de luz, configurando limites instáveis, efêmeros e continuamente reconstruídos pela percepção.

A fita crepe, elemento essencial do teatro experimental, assume papel central na composição espacial. Em uma operação de deslocamento de escala, deixam de ser discretas para se tornarem largas e espessas, marcando o chão com contornos precisos que sugerem o espaço privado. Essa ampliação não apenas reforça sua visibilidade, mas também transforma um material cotidiano em signo dramático potente, evidenciando a artificialidade da cena e, ao mesmo tempo, sua capacidade de evocação. Paradoxalmente, essas “paredes” espessas, ainda que desenhadas no chão, intensificam a sensação de clausura: quanto mais visíveis e marcadas, mais comprimem simbolicamente os corpos e as relações.

A ausência de paredes físicas e a presença dessas linhas demarcatórias convocam a plateia a completar mentalmente o ambiente, instaurando uma experiência em que o espaço se constrói na relação entre o visível e o imaginado. Trata-se de uma cenografia que não ilustra, mas sugere, instaurando um campo de tensão entre presença e ausência, materialidade e projeção. As paredes de luz, por sua vez, reforçam essa dimensão imaterial, criando limites que surgem e desaparecem, como a própria instabilidade das relações humanas.

Nesse contexto, a discussão do casal — eixo central da obra — torna-se ainda mais claustrofóbica. A compressão dos personagens nesse espaço íntimo, delimitado por fitas espessas e paredes de luz, intensifica a sensação de aprisionamento emocional e psicológico. A cena se configura como um território de conflito contínuo, em que a proximidade não gera encontro, mas acentua a distância.

A construção imagética dos personagens se insere, assim, em um ambiente marcado pela incomunicabilidade. As relações atravessam o tempo, ecoando em diferentes camadas de experiência, enquanto os indivíduos progressivamente deixam de se afirmar como objetos para se transformarem em sujeitos, evitando a captura por dinâmicas que os esvaziam. A cenografia, ao operar nesse regime de síntese e imaterialidade, não apenas organiza o espaço, mas potencializa o conflito e convida à reflexão sobre o contemporâneo: um tempo em que, mesmo cercados por possibilidades de conexão, permanecemos confinados em estruturas invisíveis que dificultam o verdadeiro encontro.

Simone Mina

Diretora de Arte

Diante do Sol Enganador de SP, 16 março de 2026.





Quando recebi o convite para criar a trilha sonora de **A LINHA SOLAR**, antes de conhecer a fundo o texto, o título já me atraiu e construiu em mim algumas imagens fortes que eu quis manter para mais tarde desenvolver. Ao me aprofundar na peça de Viripaev e discutir as variadas camadas de sentido com o elenco e a direção, tive certeza de que seria um ótimo desafio de linguagem e um campo muito interessante para experimentação.

A trilha sonora atua como elemento de quebra da realidade do casal, em um momento de tempo suspenso: uma madrugada que parece não ter fim. Os silêncios, os sons feitos em cena e as paisagens sonoras se complementam, criando o ambiente para o conflito.

Busquei desenhar com som a Linha Solar que me atraiu e de que trata o texto, usando texturas diversas, sintetizadores, instrumentos clássicos e subversões de ritmos e gêneros, para revelar as nuances que os personagens apresentam.

As paisagens sonoras fazem menção aos sons do ambiente privado do casal e, mais do que isso, ambientam seus conflitos e incongruências, por vezes revelando para o público o que eles de fato ouviriam ou o que se passa em seus universos internos.

Eddu Ferreira

Trilha sonora original e sonoplastia

Sinopse

Às cinco da manhã, numa cozinha, o casal Barbara e Werner está à beira da separação, da exaustão, da violência. Impossível se separarem, impossível permanecerem juntos. Apesar de tudo, das feridas, do cansaço, do desgosto, eles tentam e se agarram ao desejo de se explicarem até ao fim. Viripaev nos apresenta uma magnífica parábola sobre o amor. Nesta peça curta, concisa, cruamente universal e ferozmente engraçada, revela-se uma luta pelo amor, uma luta para cruzar a "linha solar", que sempre nos separa fatalmente. Assistimos a uma cena de briga metafísica, engraçada, cruel, cósmica, que alcança níveis de grande intensidade emocional e filosófica, além de uma comicidade inusitada.



Ficha técnica

Texto **Ivan Viripaev**

Direção Geral **Marcelo Lazzaratto**

Elenco **Carol Gonzalez e Chico Carvalho**

Tradução **Elena Vássina e Aimar Labaki**

Iluminação **Marcelo Lazzaratto**

Direção de Arte, Cenografia e Figurino **Simone Mina**

Trilha Sonora Original e Sonoplastia **Eddu Ferreira**

Assistência de Direção **Marina Vieira**

Assistência de Figurino e Arte **Grazi Cavalcanti**

Assistência de Cenografia **Vinicius Cardoso**

Videografismo **Ana Lopes**

Operação de Luz **Rodrigo Palmieri e Leor Carmona**

Operação de Som **Eddu Ferreira e André Lucio**

Contrarregragem **Daniel Sousa**

Cenotécnico **Wanderlei Wagner e Fernando Zimolo**

Captação e edição de vídeos **Ícaro Bueno / Icarus Filmes**

Fotografia **Bob Sousa**

Maquiagem (ensaio fotográfico) **Amanda Mantovani**

Identidade Visual **Comunica.Ações - Kleber Góes**

Mídias Digitais **CANNAL Mídias Digitais**

Assessoria de Imprensa **Canal Aberto - Márcia Marques, Daniele Valério e Flávia Fontes**

Transcrição de impressão em Braille **Escreve Brasil**

Interpretação em Libras **Sabrina Caíres e Karina Nonato**

Equipe de produção **Laís Machado e Pedro de Freitas**

Produção Executiva **Périplo**

Idealização e Direção de Produção **Carol Gonzalez**

Realização **Sangiorgi e Gonzalez Produções**

Projeto contemplado no edital Fomento CULTsp - PNAB No 22/2024 PRODUÇÃO E TEMPORADA DE ESPETÁCULO DE TEATRO INÉDITO da Secretaria da Cultura, Economia e Indústrias Criativas do Governo do Estado de São Paulo.

Agradecimentos

Adriano Mauriz, André Acioli, Antonio Morales Gonzalez, Dalma Régia, Eduardo Santana, Eric Lenate, Felipe de Oliveira, Gisele Tressi, Isis Madi, Lenita Aghetoni, Lucas Pivetta, Thayana Rosa, SP Escola de Teatro, Bianca Melo, Ivam Cabral, Espaço Sobrevento, Luiz André Cherubini, Marcelo Amaral, Teatro Manás Laboratório, Dante Passarelli, Fernanda Zancopé, Funarte São Paulo, Alessandro Azevedo, Hevelin Gonçalves, Coletivo Labirinto, Apaa - Associação Paulista dos Amigos da Arte, Dyra Oliveira, Glaucio França e Marisis Pacheco.

Trecho de entrevista de Artur Rakovskis com Ivan Viripaev publicada em 11 de dezembro de 2018 no site Izba Arts.

Artur Rakovskis: *Vamos falar sobre A Linha Solar, que será apresentada em Londres. Pelo que entendi, você retrata relações imperfeitas ali. Por que relacionamentos perfeitos não existem?*

Ivan Viripaev: A peça mostra problemas de comunicação usando o exemplo de uma família. No entanto, não é uma peça sobre uma família, e sim sobre o que está acontecendo no mundo. Todos os problemas que vemos hoje – guerras, conflitos, incompreensões, crises políticas – são falhas nos sistemas de comunicação. Então, a comunicação é o tema central para mim. Tenho trabalhado com esse tema há alguns anos, e quanto mais me aprofundo, mais ele me fascina. As formas como a comunicação é estabelecida – não apenas entre seres humanos, mas também entre plantas, animais e até a própria Terra – exigem nossa atenção. Como a inteligência humana atingiu níveis inacreditáveis hoje, os antigos sistemas de comunicação foram se perdendo. Agora, muitas vezes, violência, assassinato, mentiras e agressão os substituem. No entanto, assim como é possível formar comunicação por meio da violência, da mentira, do álcool, das drogas, também é possível fazê-lo por meio da felicidade, da liberdade, da tolerância e da aceitação. Precisamos aprender a entender as pessoas e explorar seus sistemas de comunicação. É disso que trata a peça.

AR: *É difícil escrever sobre coisas complexas usando uma linguagem simples?*

IV: Sou um dramaturgo de comédia, gosto de ver as pessoas rindo. A Linha Solar é... Bem, não sou responsável pelo que vocês verão, eu não a dirigi (referência à montagem inglesa). Não sei como está. Mas eu a encenei em Varsóvia e as pessoas morreram de rir! Às vezes, era possível ouvi-las gritando: "Pare! Por favor, pare!" A peça é feita para ser engraçada – e se não for, então algo deu errado.



Acesse a entrevista completa
através do link:
<https://www.izbaarts.com/ivan-vyrypaev-on-cinema-theatre-and-his-dreams>

A LINHA SOLAR

24 de abril a 17 de maio de 2026

Quintas, sextas e segundas, às 19h e sábados e domingos, às 18h

Duração 70 minutos

Sessões com acessibilidade • Libras 

3 e 10 de maio de 2026

Domingo às 18h

Ingresso

Inteira R\$30,00

Meia-entrada R\$15,00

Ingressos à venda na Bilheteria
e em bb.com.br/cultura

A16

Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Álvares Penteado, 112 – Centro Histórico – SP

Próximo à estação São Bento 

Informações: +55 11 4297-0600

bb.com.br/cultura

 /Ccbbbsp |  /ccbbbsp |  /@ccbbcultura

Aberto todos os dias, das 9h às 20h, exceto às terças.

Estacionamento conveniado: Rua da Consolação, 228, com traslado gratuito até o CCBB. Parada no Metrô República no trajeto de volta. Consulte horário de funcionamento em nossas redes sociais.

R\$ 14 pelo período de 6 horas (necessário validar o ticket na bilheteria do CCBB).

Este projeto foi realizado com apoio do Programa de Ação Cultural – ProAC, da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Governo do Estado de São Paulo, e da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB) do Ministério da Cultura e Governo Federal.

Fomento

Produção

Realização

PROAC
SP

SANGIORGI
E GONZALEZ
PRODUÇÕES

CCBB
Centro Cultural Banco do Brasil

CULT
SP

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS
Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

SNC
Sistema Nacional de Cultura

POLÍTICA NACIONAL
ALDIR BLANC
DE FOMENTO À CULTURA

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO